

Literatura: Entre a Fonte e a Escrita

Fábio Luiz de Arruda Herrig

MEDEIROS, Marcia Maria de (Org.). 2013. *Ensaio sobre cultura, literatura e história*. Dourados: UEMS/UFGD, 116p. ISBN: 978-85-8147-052-8.

Uma das problemáticas presentes ainda no campo da História está associada à sua relação com Literatura. Essa relação, por vezes, se torna muito confusa na medida em que não se define a sua especificidade. A Literatura pode dialogar com a histórica em que medida? Eudes Fernando Leite, no prefácio do livro em análise, atenta que esse contato com a Literatura é importante quando se reflete sobre as complexidades da escrita da História. Michel de Certeau, em seu livro *A escrita da história*, definiu os moldes do que é a operação historiográfica, enquanto processo, e o que ficou latente é que a escrita ainda tem um longo caminho a percorrer, no sentido de resolver suas querelas narrativas derivadas do campo da linguagem.

Contudo, Leite percebe que não é apenas esse o foco do livro, mas discutir sobre as fronteiras que permeiam as duas áreas e que possibilitam pensar a Literatura com fonte histórica. Como ele próprio afirma: “(...) os embates em torno da tarefa estética pensada para a Literatura não cerceiam sua capacidade de se fazer uma representação de características analítico-interpretativa, algo que, para muitos, seria tarefa das ciências sociais e da história”¹, tento, portanto, também, a possibilidade de servir como um dado histórico e não apenas como um elemento estético.

Além do prefácio, o livro é composto de uma apresentação, escrita pela organizadora, Márcia Maria de Medeiros, cinco capítulos e um posfácio, também redigido por Medeiros. Na referida apresentação, a preocupação de Medeiros é definir o norte do livro, a sua proposta fundamental, em suas palavras, é a de “reunir um acervo de conceitos que se pautou pela transposição das fronteiras disciplinares, buscando o que existe de comum entre o histórico e o literário” (MEDEIROS, 2013, p. 11).

Medeiro, nesta apresentação, tem a preocupação de salientar que os textos agregam certas especificidades que devem ser levadas em consideração pelo leitor, quais sejam, as de que alguns textos são fruto de pesquisas conclusas, como os de Tânia Regina Zimmermann;

¹ LEITE, Eudes. “Prefácio ou algumas impressões sobre este livro”. In: MEDEIROS, Marcia Maria de (Org.). *Ensaio sobre cultura, literatura e história*. Dourados: UEMS/UFGD, 2013. p. 9.

Fausto Alencar e Felipe Weissheimer; e, por fim, o seu próprio texto, mas que os outros, de Vladimir Medeiros e André Cândido, se apresentam como possibilidades de pesquisa, “(...) pois são ambos pesquisas em estágio inicial, assumindo caráter de proposta” (MEDEIROS, 2013, p. 14).

O primeiro capítulo, de autoria de Tânia Regina Zimmermann, “Relações de Gênero, Masculinidade, Violência e Literatura”, tem um caráter, essencialmente, teórico. Sua reflexão está marcada tanto pelas discussões referentes à Literatura, entendidas, em seu texto, como fonte, quanto pelas que advém dos estudos de gênero. Muito bem embasada, Zimmermann observa que a esfera discursiva que perpassa a obra de Literatura constrói estigmas, que mesmo pertencendo ao campo do fictício, marcam as sociedades em geral.

Dom Juan e Fausto, de Goethe são dois exemplos utilizados pela autora para demonstrar que muitas vezes estas “(...) obras literárias representam a visão androcêntrica do narrador, alheio ao contexto no qual brotavam reivindicações de mudanças entre os gêneros, cujas raízes desdobravam-se em ação de diferentes mulheres” (ZIMMERMANN, 2013, p. 27).

O capítulo dois, “Análise do Discurso de Plínio Salgado inserido na Obra ‘A Mulher no Século XX’”, de Fausto Alencar Irschlinger e Felipe Salvador Weissheimer, tem seu foco de ação muito bem delimitado no título, marcado pelo recorte teórico, no caso, a análise do discurso, assim como pela delimitação do objeto, o livro de Plínio Salgado. O texto inicia com uma contextualização de cunho histórico, essencialmente sobre a política brasileira na década de trinta e quem foi Salgado nesse contexto e, na sequência, passa a abordar a obra “A Mulher no Século XX”, tomada aqui como fonte da análise.

Mangueneau serve de base para a análise do discurso empreendida pelos autores que, através desta referência, conseguem perceber a singularidade do pensamento integralista de Salgado para a época. Segundo Irschlinger e Weissheimer, o que torna o discurso de Salgado significativo é o deslocamento que ele procede no que diz respeito ao papel social das mulheres no Brasil do século XX. Se, tradicionalmente a mulher estava incumbida do privado, com os processos de industrialização que o Brasil vinha sofrendo, essa estrutura começou a sofrer alterações, o que não agradou as camadas conservadoras. Plínio Salgado tentou dar à mulher um novo lugar social que não conflitava com seu lugar tradicional, para tanto, o lema de sua proposta foi “Deus, Pátria e Família”. Assim,

(...) a função física do gênero feminino que se distingue do gênero masculino manifesta-se na maternidade. Logo, a ‘função social da mulher’ deve proceder desta função. (...) cabe às mulheres, sobretudo às mães de família, a

‘grande missão’ de ‘civilizar’ a prole e conseqüentemente, as futuras gerações para construir a ‘Grande Nação Integralista’ (IRSCHLINGER; WEISSHEIMER, 2013, p. 42).

O que se destaca neste texto é que não é, necessariamente, um estudo de gênero, malgrado ser aceitável a confusão, mas o estudo de um livro vasado por uma ideologia muito clara, a de uma direita conservadora que via no integralismo a saída para os males da nação. Como os próprios autores afirmam, os intelectuais desse período, incluindo Salgado, fizeram “(...) da literatura um instrumento de ação política e social” (IRSCHLINGER; WEISSHEIMER, 2013, p. 35). Ao determinar o papel da mulher no século XX, Salgado determinava o papel do homem também, assim os “(...) intelectuais que buscavam legitimar a estrutura da sociedade discorriam tentando convencer as mulheres de que a submissão, além de correta, era seu papel quase biológico” (IRSCHLINGER; WEISSHEIMER, 2013, p. 40).

O terceiro texto, “‘Entre a Pena e a Espada’: A Questão da Identidade Nacional em ‘Um Rio Imita o Reno’, de Vianna Moog”, de Vladimir José de Medeiros, empreende um análise que objetiva compreender como uma obra literária exerce um papel importante na formação da identidade nacional Brasileira. Estruturalmente, primeiro apresenta, brevemente, Moog; depois, seu objeto, que é o livro; para, enfim, proceder a análise, juntamente com a conjuntura histórica que a circunda *Um rio imita o Reno*.

Vladimir Medeiros aponta que o período em que o livro de Moog veio a público, na década de 1930, foi muito conturbado, devido a instabilidade política derivada do governo getulista. Se por um lado, Vargas tentava construir a imagem de um povo brasileiro, homogêneo, por outro, *Um Rio Imita o Rene*, demonstrava que essa unidade era apenas ilusória. Segundo Vladimir Medeiro, isso fica muito claro quando o protagonista do texto, Geraldo, tendo vindo do norte para o Rio Grande do Sul, encontra uma cultura absolutamente diversa, e estando certo tempo neste lugar, é tomado por um sentimento de angústia e tem vontade de chorar. O narrado explica que Geraldo “Sentia saudades do Brasil”. Fato paradoxal, já que não havia saído do Brasil, apenas da Amazônia.

Medeiros nota que isso explica a posição ideológica de Moog frente à política identitária homogeneizadora de Vargas, evidenciando que o Brasil é muito diversificado e que estabelecer uma identidade nacional unificada era uma ilusão. É nesse interim que Vladimir Medeiros defende que a obra de Moog é muito importante para se refletir sobre as incoerências da História do Brasil.

Vale observar que o texto de Medeiros surge como uma proposta muito contundente e original, entretanto a redação do texto acaba por se perder em determinado momento quando

tenta empreender uma análise de cunho teórico, discutindo a relação entre História e Literatura, que no contexto de sua proposta era desnecessário e poderia ser reduzido a uma nota de rodapé. É provável que este pequeno deslize seja fruto do que já foi de início alertado pela organizadora de que é um texto em estágio inicial, entretanto, com grande potencial. Cinco páginas que poderiam aprofundar a discussão sobre a identidade são dedicadas ao debate teórico.

“Diálogos Sobre as Questões da Representação do Feminino na Perspectiva da Literatura Hagiográfica”, de André Candido Silva, é o texto mais fraco da coletânea, talvez, até mesmo incluso de forma prematura. O “Diálogo” começa com uma contextualização da mulher no medievo, sem, no entanto, definir se era na baixa ou alta idade média, para qual, segundo Jacques Le Goff, em sua obra *A Civilização do Ocidente Medieval*, há um processo de desenvolvimento de vários fatores, seja da mulher², seja da cultura, seja da técnica, etc. O fato é que o texto já se inicia com uma imprecisão.

Para a análise de uma Literatura hagiográfica, no caso da obra de Jacopo de Varazze, *Legenda áurea*, faltou uma delimitação mais clara dos textos a serem analisados e, efetivamente, a análise, que deixou a desejar muito. As abordagens teóricas, utilizando Chartier e Foucault também não foram bem empreendidas na medida em que os discursos e ou representações trabalhadas ficam em suspenso e a teoria passa a não fazer sentido sem um objeto claro. Assim, esse é um texto que deveria ter sido mais amadurecido antes da publicação, pois ao contrário de Vladimir Medeiros, que caiu em uma discussão teórica, mas tinha um objeto claro e uma análise bem encaminhada, André Candido da Silva ainda precisa amadurecer tanto no campo teórico quanto no campo prático da análise. Entretanto, esse tipo de trabalho, no Brasil, deve ser considerado e amadurecido por se configurar com uma abordagem original.

Por fim, o texto que encerra a coletânea é da organizadora Márcia Maria de Medeiros, “O Duelo entre Balin e Balan: Considerações Sobre a Morte em Thomas Malory”. A análise recai sobre o Livro II de *A morte de Artur*, que narra as aventuras de Balin e Balan. A narrativa se desenvolve de forma paralela aos acontecimentos da obra literária e são pontuadas pelas considerações de cunho histórico. O que fica evidente na análise é o ideal cavalheiresco, cuja honra e a aventura são elementos constantes e no qual a morte se torna um estado eminente.

² Para Le Goff, na Baixa Idade Média, “surgem novas atitudes frente ao tempo, ao dinheiro, ao trabalho ou à família” (2005, p. 10).

Balin, segundo Medeiros, escolhe o seu caminho ao aceitar ficar com uma espada cujo ele foi a único a conseguir retirar da bainha. Se a devolvesse teria um futuro comum de um cavaleiro, se ficasse com ela seria amaldiçoado. Frente ao desejo de aventura e de permanência do nome, mesmo após a morte, Balin escolhe ficar com a espada e sofrer as consequências, ao que ao fim mata seu irmão Balan, como havia sido profetizado pela donzela que levou a espada à corte do rei Artur. Entretanto, a morte não aparece apenas nestes dois pontos, Medeiros observa outras mortes que ocorrem no romance, como a de Lanceor, que trava uma batalha contra Balin e morre e, em consequência, sua amada se suicida e de Garlon. Todas as mortes estão associadas a Balin. O que fica claro no texto de Medeiros, apesar de seu perfil de crítica literária, é que a literatura medieval expressa características históricas do imaginário medieval, servindo portanto, também, como fonte.

No posfácio, Márcia Maria de Medeiros volta a tratar da relação entre História e Literatura. Novamente, como no prefácio de Leite, o que volta a ser frisado é que a relação entre os dois campos do saber se estabelece ao se utilizar a Literatura como fonte; ao se utilizar, para a escrita da História, os artifícios próprios das narrativas literárias. Mas, Medeiros acresce um ponto: a utilização da abordagem literária como método.

O livro tem uma boa proposta e com a exceção de um artigo, ainda fraco para um livro, pode contribuir para novas reflexões e abordagens nos campos da História e da Literatura. Vale também, a título de conclusão observar que a noção de cultura, presente no título do livro, parece ficar em suspenso, entretanto, no posfácio, Medeiros a aborda ao considerar que a:

(...) História pode, através das ilações da língua e da literatura, demonstrar que a cada sociedade é, da mesma forma que suas realidades diversas (econômicas, políticas e sociais), uma projeção de suas angústias, de suas fantasias e de seus sonhos, os quais são articulados nas utopias que ela elabora e que encontram vida e forma nas linhas que seus escritores rabiscam (MEDEIROS, 2013, p. 113).

O que Medeiros demonstra é que a cultura perpassa tanto o âmbito da História, quanto o âmbito da Literatura, na medida em que ela revela estratos da sociedade que a compôs. Assim, a cultura, mesmo não tendo sido explicitada conceitualmente nos textos que integram o livro, perpassou suas páginas na medida em que refletiu as características econômicas, políticas e sociais, das várias épocas abordadas.

Recibido: 6 de enero de 2016 – Publicado julio 2016